

Europeus, é tempo de agir!

Tal como o “Brexit”, a vitória de Donald Trump apanhou muitos de nós de surpresa. Estávamos convictos de que uma abordagem racional do debate político iria prevalecer sobre um discurso populista.

Impulsionados pelos resultados do “Brexit” e pela vitória de Donald Trump, aqueles que tentam minar as nossas democracias continuam a jogar com os fatores que preocupam o cidadão: o aumento das desigualdades sociais, os receios relacionados com a vaga de imigração, sistemas educacionais e culturais deficitários, a desconfiança generalizada nas elites políticas, demasiado focadas nos seus interesses pessoais, e nas instituições públicas, percecionadas como ineficazes e demasiado dispendiosas.

Em ambos os casos as consequências para os europeus e para o mundo são enormes. A UE, correndo o risco de desintegração causado pelo “Brexit”, vê agora um outro risco, o do distanciamento com os EUA, com o qual tem mantido uma relação próxima desde o fim da Guerra Fria, com base no multilateralismo e numa liderança benevolente dos americanos. A mensagem do Presidente eleito é clara: os europeus têm de ser responsáveis pela sua própria segurança, do ponto de vista político e financeiro. Há aqui a aceleração de uma tendência crescente desde a queda do Muro de Berlim, já há mais de 27 anos. A vitória de Trump e do “Brexit” fazem regozijar os populistas do Velho Continente, em vésperas de grandes decisões eleitorais ou referendos que vão realizar-se nos próximos meses, como é o caso na Áustria, Itália, Holanda, França ou Alemanha. Um pouco por toda a Europa, os partidos moderados estão sob forte ameaça.

Por isso, é urgente agir!

Se nós, europeus, não retirarmos rapidamente as devidas ilações destes acontecimentos, o colapso da União e a marginalização dos nossos interesses e dos nossos valores – num mundo onde não representaremos brevemente mais de 5% da população e em que nenhum Estado do continente vai fazer parte do G7 – será mais do que provável. Não existem atualmente meios para garantir a nossa segurança quando as ameaças se multiplicam nas nossas fronteiras. Os nossos interesses económicos e comerciais – ainda somos a primeira potência exportadora a nível mundial – serão cada vez mais difíceis de defender, enquanto a tentação protecionista ganha cada vez mais força. A nossa visão de desenvolvimento sustentável do planeta será um conjunto de palavras vazias. Os nossos modelos sociais, baseados na



redistribuição e na qualidade dos serviços públicos, não serão possíveis de financiar. Sozinhos, nenhum dos nossos países terá a capacidade de apresentar soluções adaptadas a estes desafios comuns.

Mais do que nunca, a urgência é criar os meios necessários para a reconciliação entre os cidadãos e o projeto europeu e inventar um futuro para a Europa. É esta convicção que inspirou o Movimento 9 de Maio, iniciado por cidadãos e personalidades de todos os horizontes. Propusemos aos líderes da UE um roteiro ambicioso e pragmático para proteger e melhorar a vida do cidadão europeu, para a redução das desigualdades, e para a promoção de um crescimento inteligente e inclusivo que favoreça a inovação e a criação de empregos de futuro. De entre as nossas propostas



Apelo do Movimento 9 de Maio: se não retirarmos as devidas ilações, o colapso da União e dos nossos valores será mais do que provável

emblemáticas estão: a criação de um Erasmus para o ensino secundário, o aprofundamento das políticas comuns na área da defesa, uma duplicação imediata do montante do plano de investimento dito “Juncker” e a constituição de listas transnacionais para as próximas eleições europeias.

Mas hoje é preciso mais ambição, chegou o momento de se desenvolver uma verdadeira política externa e de defesa comum. É tempo de a União Europeia se assumir como uma potência política e agir em conjunto para ter um impacto real sobre o destino democrático, cultural, social, económico e ecológico da humanidade. A cimeira europeia prevista para a capital italiana no próximo dia 25 de março, assinalando o 60.º aniversário do Tratado de Roma, deve ser uma oportunidade para fortalecer a democracia na Europa, através do desenvolvimento de novos métodos de democracia deliberativa que permitam aos cidadãos reinventar os seus direitos e liberdades para o século XXI. Sem uma nova dinâmica política, há um sério risco de ressurgimento dos demónios populistas que já levaram à nossa derrota e quase aniquilação. A história poderá variar nas suas formas, mas o resultado será igualmente desastroso.

Este renascimento só será possível se as dezenas de milhões de cidadãos que partilham a nossa ambição estiverem mobilizados para garantir um futuro ao nosso continente. É por isso que vamos criar em janeiro próximo uma plataforma cívica federal e lançar convenções um pouco por toda a Europa para que as nossas vozes sejam ouvidas.

Convidamos todos aqueles que querem transformar a Europa a juntar-se a nós.

Junte-se a nós e subscreva o nosso roteiro em: www.m9m.eu

Maria João Rodrigues (PT), antiga ministra, vice-presidente do Grupo dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu; **Elmar Brok (DE)**, deputado ao Parlamento Europeu, presidente da Comissão de Assuntos Externos; **Daniel Cohn-Bendit (DE-FR)**, antigo presidente do Grupo dos Verdes no Parlamento Europeu; **Danuta Hübner (PL)**, antiga comissária europeia, presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais do Parlamento Europeu, Partido Popular; **Alain Lamassoure (FR)**, antigo ministro, deputado europeu; **Guy Verhofstadt (BE)**, antigo primeiro-ministro, presidente do Grupo Liberal no Parlamento Europeu; **Vaira Vike-Freiberga (LAT)**; antiga Presidente da Letónia e outros